



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 12–Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

COLETIVIDADE DIGITAL: O BLOG BLOGUEIRAS NEGRAS

DIGITAL COLLECTIVENESS: THE BLOGUEIRAS NEGRAS´WEBLOG

Thais Pereira da Silva. USP.

Marco Antônio de Almeida. USP.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Com o advento das tecnologias de informação e comunicação (TICs), emergem as coletividades baseadas nas mídias de mulheres negras, que criam dispositivos de informação e comunicação para produzir e disseminar informação (conteúdo simbólico). A presente pesquisa tem por objetivo refletir sobre a apropriação das TICs pelas mulheres negras brasileiras, como tática e estratégia para a resistência contra o racismo, o sexismo e a exploração de classe, entre outras opressões. Dessa forma, estabelece-se uma relação entre blog e o conceito de dispositivo infocomunicacional, elaborado por Foucault, Marteleto e Agamben, para analisar o weblog “Blogueiras Negras”, uma plataforma coletiva de mulheres negras. Para analisar o corpus da pesquisa, os textos publicados entre 2013 e 2014, mobiliza-se o método de pesquisa netnográfica. Percebe-se que as colaboradoras do blog contestam as imagens de controle (estereótipos) e narram suas próprias experiências nos artigos. Sendo assim, elas conseguem romper com as justificativas ideológicas que legitimam as opressões econômicas e políticas.

Palavras-Chave: TICs. Mulheres Negras. Dispositivo Infocomunicacional. Blog.

Abstract: With the advent of information and communication technologies (ICTs), media-based communities of black women emerge, creating information and communication devices to produce and disseminate information (symbolic content). This research aims to reflect on the appropriation of ICTs by black Brazilian women, as a tactic and strategy for resistance against racism, sexism and class exploration, among other oppressions. In this way, a relationship is established between the blog and the infocommunication apparatus concept, elaborated by Foucault, Marteleto and Agamben, to analyze the weblog “Blogueiras Negras”, a collective platform of black women. To analyze the research corpus, the texts published between 2013 and 2014, netnographic research methods are mobilized. It is clear that the collaborators of the blog contest the images of control (stereotypes) and narrate their own experiences in the articles. Being assim, they manage to break with the justifying ideologies that legitimize the economic and political oppressions.

Keywords: ICTs. Black Women. Apparatus Infocommunication. Weblog.



1 INTRODUÇÃO

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) influenciam e alteram as relações sociais, culturais, políticas e econômicas. “Vivemos uma midiaticização intensiva da cultura e da sociedade que não se limita à formação da opinião pública, mas atravessa quase todas as instituições sociais e culturais” (HJAVARD, 2014, p. 21). Almeida (2017) explica que o mundo atravessa uma midiaticização da cultura e da sociedade, que permeia todas as instituições sociais e culturais. As mídias são o ponto de referência e o recurso fundamental para o mundo social, ou seja, o mundo social¹ é midiaticizado, que é construído por atos de comunicação (COULDRY, HEPP, 2020).

Dessa forma, as mídias (televisão, jornal, livros, rádio, mídias sociais digitais, blogs) têm papel fundamental na construção do mundo social que é compartilhado entre um grupo ou até mesmo um país inteiro. Inúmeras produções da televisão brasileira (novelas e jornais), por exemplo, reproduzem estereótipos racistas e sexistas, o que desenvolve o imaginário simbólico das (os) brasileiras (os) sobre pessoas negras, indígenas e as mulheres.

Nesse sentido, as mulheres negras têm se apropriado das tecnologias digitais de informação e comunicação como ferramenta de luta: organizando mobilizações *online* e *offline* e produzindo informação (conteúdo simbólico) antirracista, antissexista e contra a exploração de classe, que disputam as narrativas sobre o grupo com as mídias hegemônicas. É o caso do blog colaborativo Blogueiras Negras (BN), criado em 2013, por Charô Nunes, Larissa Santiago e Maria Rita Casagrande.

Na segunda parte do artigo, apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa. No terceiro tópico, discutimos a constituição do racismo no país, a partir do conceito de dispositivo de racialidade, elaborado por Sueli Carneiro. Além disso, discorreremos sobre as representações negativas das mulheres negras no país, que estão presente no imaginário da população e são reproduzidas nas mídias hegemônicas. Na quarta etapa, debatemos sobre as coletividades baseadas nas mídias, refletindo o caso do blog Blogueiras Negras. A seguir, verificamos como o blog constitui-se como um dispositivo de informação e comunicação. Por

¹ Neste artigo, mobilizamos a seguinte definição para mundo social “é o produto dos nossos processos conjuntos de construção social – em especial a comunicativa. Por meio da nossa variedade de práticas de produção de sentidos construímos o nosso mundo social, como a algo comum” (COULDRY, HEPP, 2020, p. 32).



fim, analisamos como as mulheres negras desconstruem as imagens de controle em seus textos e disputam as narrativas sobre o grupo com as mídias hegemônicas.

2 METODOLOGIA

O objetivo geral da pesquisa é analisar a apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) pela mulher negra como estratégia para disputar as narrativas sobre o grupo com as mídias hegemônicas e desconstruir os estereótipos coloniais, que ainda marcam a experiência de vida e a subjetividade da mulher negra.

Para analisar a apropriação das tecnologias de informação e comunicação pelas mulheres negras, optamos pela pesquisa exploratória como primeira etapa da investigação, com a finalidade de obter visão geral do objeto, além de desenvolver e refletir sobre conceitos e ideias.

A seguir, mobilizamos a bibliografia referente ao tema da pesquisa e decidimos realizar um estudo de caso do blog Blogueiras Negras (www.blogueirasnegras.org.br). O corpus da pesquisa são os artigos que abordaram os principais estereótipos das mulheres negras: a empregada doméstica e a mulata lasciva durante os dois primeiros anos do blog, 2013 e 2014. Para analisar o corpus, utilizamos como método de pesquisa a netnografia, que é a transposição da etnografia para “os estudos de práticas comunicacionais mediadas por computador” (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008, p. 35). Desse modo, o pesquisador insere-se nas comunidades virtuais para observar e investigar as práticas culturais, informacionais e de comunicações

3 DISPOSITIVO DE RACIALIDADE

Em sua tese de doutorado “Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser”, defendida em 2005, Sueli Carneiro afirma que existe um dispositivo de racialidade agindo no Brasil. Foucault (2015) define o conceito de dispositivo e as suas funções em três aspectos:

Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que pode se estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2015, p. 364).



Dessa forma, Carneiro compreende que a ideia de dispositivo permite analisar a heterogeneidade de práticas e saberes² que permeiam a constituição do racismo e da discriminação racial na sociedade brasileira, que se articulam para alcançar um objetivo estratégico: excluir e dominar o sujeito negro. O dispositivo de racialidade produz um campo ontológico, epistemológico e de poder, no qual saberes, modos de subjetivação e poderes se articulam (CARNEIRO, 2005).

O racismo como dispositivo de poder funciona como disciplinador, ordenador e estruturador das relações raciais e sociais em sociedades multiculturais. Como dispositivo disciplinador, Carneiro explica que as relações raciais deixam as relações sociais mais complexas, articulando às contradições sociais as de raça. Assim institui-se pobreza como condição de raça, “na medida em que a mobilidade de classe se torna controlada pela racialidade” (CARNEIRO, 2005, p. 70). Desse modo, paralisa o grupo dominado, confinando-o nas bases da pirâmide social de condição de vida (trabalho, educação etc.) ou produzindo resistências.

No que diz respeito ao presente trabalho, o nosso interesse é analisar os discursos (e os estereótipos) sobre a mulher negra no país, ou seja, o elemento do dito dispositivo de racialidade, que se articula com leis, práticas institucionais, saberes, entre outros.

3.1 Representação e discursos das mulheres negras

A representação faz parte do processo de produção e compartilhamento dos significados entre os indivíduos de uma mesma cultura. Assim sendo, “representar envolve o uso da linguagem, de signos e de imagens que significam ou representam objetos” (HALL, 2016, p. 31) e sujeitos³. Desse modo, o significado é construído na linguagem. Pode-se dizer ainda que a representação é a produção dos significados dos conceitos (sobre objetos ou indivíduos) na mente dos sujeitos por meio da linguagem (HALL, 2016).

A opressão entre as mulheres negras engloba três dimensões - a econômica, a política e a ideológica, que agem interconectadas. A dimensão econômica diz respeito à exploração do trabalho da mulher negra para a expansão do capitalismo, primeiro com mão de obra escrava, depois com o trabalho assalariado muito mal remunerado, responsável pela pobreza

² Leis, discursos, práticas institucionais etc.

³ Minha inclusão.



extrema. A política refere-se à falta de acesso à educação e a exclusão dos cargos públicos. A ideológica está relacionada às imagens de controle (estereótipos) surgidas no período colonial que são adaptadas em cada período histórico, a fim de manter a dominação das mulheres negras (COLLINS, 2019a).

Collins (2019b, p. 135) afirma que “as opressões de raça, classe, gênero e sexualidade não poderiam continuar a existir sem justificativas ideológicas poderosas”. As imagens negativas e os estereótipos são utilizados para justificar as opressões. No Brasil, Lélia Gonzalez (2020a) e Sueli Carneiro (2011) destacam a importância de desvelar as relações de poder por trás dos estereótipos relacionados às mulheres negras, que se encontram introjetados no imaginário social e são constantemente reproduzidos nos meios de comunicação e no jornalismo do país e legitimam a dominação socioeconômica do grupo.

Quais são as imagens negativas associadas às negras? As representações das pessoas negras giram em torno de dois temas. A primeira refere-se à condição para a subordinação e à preguiça inata. Ou seja, negras e negros seriam naturalmente aptos à servidão e ao mesmo tempo preguiçosos para o trabalho. A segunda refere-se ao primitivismo e à incapacidade intelectual (HALL, 2016). Nas palavras de Lélia Gonzalez:

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha (Gonzales, 1979b), pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler o jornal, ouvir o rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados (Gonzalez, 2020a, p. 78).

Portanto, os estereótipos da mulata hipersexualizada, da empregada doméstica e da mãe preta atravessam a experiência de vida da mulher negra e as mídias hegemônicas reproduzem em suas produções jornalísticas e ficcionais tais representações.

4 COLETIVIDADES MEDIATEZADAS

Com o advento das TICs, novas formas de ativismo e coletividades emergem entre as mulheres negras. Mobilizamos a definição de coletividade como “toda figuração de indivíduos que compartilham um determinado pertencimento significativo que, por sua vez, provê uma



base de ação e orientação em comum. Pode ser um ‘eu comum’ (...) Pode basear-se em uma “ação situacional organizada em comum” (COULDRY, HEPP, 2020, p.217). Existem duas formas de coletividades. A primeira é a baseada na mídia, ou seja, aquela que não existe sem as TICs (por exemplo, as comunidades online como o blog *Blogueiras Negras*). A segunda são as coletividades midiáticas que não são constituídas pelas mídias, mas são cada vez mais moldadas por elas (por exemplo, a família) (COULDRY, HEPP, 2020).

Durante a década 2010, as blogueiras Charô Nunes, Larissa Santiago e Maria Rita Casagrande se conheceram no grupo de discussões (*google groups*) *Blogueiras Feministas*. Ali as integrantes dialogavam sobre feminismo (as mais diversas vertentes), no entanto, raramente as discussões incluíam raça. Nessa perspectiva, em 2012, Santiago e Charô decidiram propor e organizar a “*Blogagem Coletiva de Mulher Negra*”, entre os dias 20 e 25 de novembro, a fim de incentivar as mulheres negras a produzir textos sobre raça e gênero. Com isso, foi criado um blog, na plataforma *wordpress* com o domínio *Blogagem Coletiva de Mulher Negra*, para publicar os textos. “Foi aí então que a gente descobriu um monte de mulher negra que tinha blog e que *blogava*⁴ separadamente” (SANTIAGO, 2017 apud SILVA, 2019, p.177).

Em 21 de março de 2013, dia internacional pela discriminação racial, em memória do massacre de Shaperville na África do Sul, Nunes, Santiago e Casagrande organizaram outra *blogagem coletiva* pela eliminação da discriminação racial. Logo após a segunda *blogagem coletiva*, elas criaram o *Blogueiras Negras* (www.blogueirasnegras.org) e os textos foram publicados ali.

As mídias ampliam o espaço e novas conexões surgem ali. O blog *Blogueiras Negras* é uma *coletividade* baseada nas mídias e com um “eu comum”: a luta antirracista, antissexista e contra a exploração de classe. Em outras palavras, elas se conheceram nas comunidades online e se uniram em torno de uma ação e orientação comum. Embora os laços entre os atores tenham se fortalecido para além da comunidade virtual, muitas delas apenas se relacionam por meio das mídias sociais do BN, sem interação face a face. Ao mesmo tempo, os textos publicados e disseminados no BN rompem as barreiras desta figuração e repercutem em outras figurações baseadas pela mídia e as midiáticas. A comunicação de informações

⁴ Neologismo popularmente utilizado para expressar o ato de publicar em weblog.



(conteúdo simbólico) com sentido sobre raça e gênero compartilhado entre o grupo constrói a base para as práticas sociais dos sujeitos (COULDRY, HEPP, 2020).

4.1 Dispositivos Infocomunicacionais na luta contra o racismo e o sexismo

Os blogs e os canais nas mídias sociais são dispositivos de informação e comunicação. Nas palavras de Marteleto (2015, p. 15), “Os dispositivos de informação e comunicação são constituídos pelas relações entre os textos, os elementos técnicos que exercem a mediação e condicionam as escritas, e também pelos usos, que configuram a sua forma social”. Para compreender o conceito de dispositivo de informação e comunicação, retomamos à ideia de Agamben (2016), que amplia o pensamento de Foucault (2015).

[...] chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - por que não - a própria linguagem, que talvez seja o mais antigo dos dispositivos [...] (AGAMBEN, 2016, p. 39).

Com o capitalismo, o filósofo italiano (2016) argumenta que o aumento do número ilimitado de dispositivos diz respeito à proliferação dos processos de subjetivação. Dessa forma, não há um único momento que os indivíduos não sejam controlados ou modelados por um dispositivo. No entanto, os dispositivos não são apenas recurso de controle e de vigilância do Estado e das grandes corporações, mas a profanação dos dispositivos pode restituir a autonomia e a emancipação dos grupos excluídos como as mulheres negras. Em outras palavras, as coletividades de mulheres negras, em especial as colaboradoras do BN, apropriam-se da TIC para desestabilizar a hegemonia capitalista, que foi estruturada a partir da hierarquização das raças e do gênero (AGAMBEN, 2016; COUZINET, 2013; MARTELETO; QUIJANO, 2005).

Nesse sentido, os textos do blog Blogueiras Negras são documentos, ou seja, consistem em “suportes informacionais/artefatos materiais dotados de historicidade sob os quais atuam os sujeitos e suas tantas interferências construídas e construtoras de subjetividades e objetividades” (AMORIM, 2019, p. 58). Assim as informações (o conteúdo



simbólico) publicadas e disseminadas no blog produzem registro e memória. Desse modo, interferem nas relações e nas práticas sociais (AMORIM, 2019; MARTELETO, 2015).

Por fim, as mulheres negras concebem estes dispositivos como ferramentas fundamentais na luta antirracista e antissexista, a fim de disputar as narrativas com as mídias hegemônicas sobre as mulheres negras. Na próxima seção examinaremos os principais conteúdos abordados pelo blog.

4.2 Da doméstica à mulata hipersexualizada

A Consolidação das Leis de Trabalho (CLT)⁵ foi aprovada em 1 de maio de 1943, pelo então presidente do Brasil Getúlio Vargas, porém a lei excluiu as trabalhadoras domésticas. Desse modo, a categoria apenas teve seus direitos reconhecidos, em 2013⁶, com o Projeto de Emenda Constitucional 72/2013, a PEC das domésticas. O tema foi um dos mais recorrentes entre as publicações do Blogueiras Negra, entre 2013 e 2014.

“A minha empregada doméstica é quase da família” é o discurso utilizado pelas elites como justificativa para não pagar os direitos trabalhistas às domésticas. No artigo “Trabalho doméstico: ‘ela é da família’ não é amor, é navalha na carne”, publicado em 18 de dezembro de 2013 no BN, a arquiteta e escritora Charô Nunes rejeita esta falácia e afirma que o trabalho doméstico descende do trabalho escravo e está contaminado pelas estruturas escravocratas como, por exemplo, que normalizam as longas jornadas de trabalho, acima das 44 horas previstas na CLT, e o não pagamento de hora extra.

Não é incomum que a frase seja usada como armadilha para adocicar o cotidiano e as agruras do trabalho. É a desculpa usada para que aceitem, muitas vezes, receber menos e trabalhar muito mais (...) Ela é da família” não é afeto, é navalha na carne. Trabalhadoras domésticas precisam de salários justos, de condições de trabalho digno, e de reconhecimento. É preciso deixar de lado os discursos dos favores, dos presentes e dos afetos (NUNES, 2013).

Segundo os dados da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (FENATRAD)⁷, que apontam que 62% das trabalhadoras domésticas são pardas e pretas e apenas 30% delas possuem carteira assinada, acreditamos que a desvalorização e a precarização da profissão

⁵ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em 20 dez 2017.

⁶ A PEC das domésticas deu origem à Lei Complementar 150/2015.

⁷ Os dados foram apresentados pela Charô Nunes no texto “Trabalho doméstico: ‘ela é da família’ não é amor, é navalha na carne”, publicado no BN.



são determinadas pela intersecção das opressões de raça, de gênero e de classe (NUNES, 2013). O trabalho doméstico é uma das mais fortes raízes do projeto colonial.

A informação é essencial para desnaturalizar a precarização e a romantização do trabalho doméstico. Nesse sentido, a advogada Gabriela Ramos escreve o texto: “A PEC dos empregados domésticos e o processo secular da abolição da escravatura”, postado em 28 de março de 2013”, que traz uma revisão história pós-abolição.

A abolição oficial, portanto, uniu o útil ao agradabilíssimo nesse contexto já que as/os negras/os libertas/os foram lançadas/os à própria sorte (ou azar) sem nenhuma política pública que os inserissem de fato na sociedade, sendo, portanto, marginalizadas/os, colocadas/os à margem. Diante da necessidade de sobrevivência é que surgiram quituteiras, lavadeiras de ganho e obviamente, os/as empregados/as domésticos (RAMOS, 2013).

Após a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, o governo do Brasil incentivou a imigração europeia ao país com o objetivo de embranquecer a população brasileira, embasado nas teorias de racismo científico. Com isso, a mão de obra negra escrava foi trocada pela assalariada branca, deixando a população negra sem emprego e sem nenhuma política pública de inserção na sociedade, após a promulgação da Lei Áurea, o que permanece até os dias atuais (GONZALEZ, 2020; NASCIMENTO, 2016).

Como percebemos com a análise do texto de Ramos, um dos únicos postos de trabalho que continuaram nas mãos de pessoas negras pós-abolição, ou melhor, das mulheres negras foi o doméstico. Quais foram as mudanças? Ramos apresenta apenas uma mudança na relação de trabalho entre o empregador e o trabalhador doméstico, ela sai da esfera das agressões físicas para as emocionais: o famoso “a minha empregada é quase da família”, que camuflou a baixa remuneração e o excesso de jornada de trabalho das profissionais do ramo. Para a autora, as leis não conseguiram mudar a mentalidade escravocrata da elite que criou outros mecanismos de exploração racista e sexista da mão de obra da mulher negra. Para autora, a PEC das domésticas indica que existe uma nova ordem jurídica.

E a hipersexualização do corpo da mulher negra? “Como todo mito, o da democracia racial oculta para além daquilo que mostra” (GONZALEZ, 2020a, p. 80). É no carnaval que o mito é reencenado no Brasil e a empregada doméstica torna-se a rainha das passarelas, porém seu reinado é curto, durando apenas quatro dias. A Rede Globo, principal emissora de televisão do Brasil, é a responsável pela transmissão dos desfiles das escolas de samba do carnaval brasileiro desde a década de 1970. Em 1991, a emissora criou a personagem Mulata



Globeleza⁸ que começou a protagonizar o comercial de divulgação do evento. Entre 2013 e 2014, o programa jornalístico da emissora Fantástico organizou uma competição para escolher a nova Mulata Globeleza. O quadro era apresentado pela atriz negra Sheron Menezes. As concorrentes apareciam de costas sem mostrar seus rostos e o destaque da competição era o corpo das participantes, em especial as bundas. Selecionamos dois artigos que refletem sobre a “caça” à Mulata Globeleza.

Em 23 de dezembro de 2013, no artigo “Vênus de Hotentote em qualquer lugar: a erotização da mulher negra”, Djamila Ribeiro destaca que o corpo da mulher negra não é dela, o corpo da mulher negra é público. A ultrassexualização do nosso corpo torna a nossa imagem exótica aos olhos e às mentes colonizadas, em qualquer lugar do mundo. Tal estigma, como afirma a autora, está relacionado à erotização do corpo da Sarah Baartman, a Vênus de Hotentote. Quem foi Vênus de Hotentote? Baartman nasceu na África do Sul e foi levada à Europa, durante o século XIX. Ali ela se tornou a atração dos espetáculos circenses com o nome Vênus de Hotentote. Após sua morte, Sarah Baartman teve seu corpo dissecado, estudado por cientistas franceses e exibido no Museu do Homem, em Paris (França), até 1974. Como a estrutura física da Baartman era diferente das mulheres europeias, compreendido como “normal”, o corpo da mulher negra, o “Outro” da mulher branca, foi definido como “anormal”, exótico (RIBEIRO, 2013).

Figura 1 - Sarah Baartman.



Fonte: Blog Blogueiras Negras (2017).

⁸ Imagens das mulatas Globeleza de 1991 a 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/a-evolucao-das-globelezas-do-nude-ao-vestido/>. Acesso em: 10 mai. 2019.



Embora a imagem da mulher negra como exótica e ultrassexualizada esteja associada à Sarah Baartman, consideramos que o estereótipo da mulata lasciva carnavalesca reforça ainda mais essa imagem (GONZALEZ, 2020a; RIBEIRO, 2013). Nas palavras de Djamila Ribeiro (2013), “a erotização da mulher negra está presente em todos os lugares, ainda mais se aliado ao fato da nacionalidade brasileira. As brasileiras são estereotipadas como sendo excessivamente sensuais”. Ou seja, produto de exportação, reconhecido mundialmente, como afirma Lélia Gonzalez (2020a).

Ribeiro explica que a erotização do corpo da mulher negra foi elaborada durante a experiência colonial e continua sendo reforçado nas mídias hegemônicas. Isto acontece porque, segundo Rosane Borges (2017, apud SILVA, 2019, p.185) “a representação midiática reforça o lugar que o imaginário social pensa para os grupos subalternos, sendo um lugar expropriado de humanidade, é um lugar reduzido em termos de significantes e significados, ou seja, a mulher negra não pode representar o universal da mulher”.

Dessa forma, existem poucas mulheres negras à frente do jornalismo, das telenovelas e dos programas de entretenimentos da Rede Globo. “Como objeto sexual, produto a ser vendido”, nas palavras de Ribeiro, dificilmente a mulher negra ocupa espaços de destaque que não reproduzam seus estereótipos. Por isso, as autoras do BN desconstróem a erotização naturalizada da mulher negra e reforçam novas e plurais imagens do grupo.

Mariana Assis dos Santos escreve o artigo “O Sagrado e o Profano: as mulatas e o racismo”, publicado em 13 de dezembro de 2013, expondo a sua animosidade com a “caça à Mulata Globeleza”, pois interfere em como nós, mulheres negras, somos representadas nas mídias hegemônicas, além de mexer negativamente com a autoestima da mulher negra. “A luta pela visibilidade negra é totalmente legítima e urgente, porém precisamos nos questionar que lugar queremos ocupar?” (SANTOS, 2013).

Figura 2 - Caça à Mulata Globeleza.



Fonte: Divulgação da TV Globo (2013).

Santos argumenta que as participantes são bailarinas de samba, artistas, mas foram reduzidas aos seus corpos, “Corpos sem rosto, apenas bundas e coxas bem torneadas”, nas palavras da autora. O samba é parte da cultura trazida ao Brasil pelos povos africanos. O samba é arte, sambar exige destreza e gingado dos quadris e dos pés das bailarinas. O pensamento eurocêntrico hierarquiza as culturas e a cultura produzida por negras e negros é considerada inferior. Dessa forma, a arte das sambistas é invisibilizada pela erotização e ultrassexualização dos nossos corpos.

A autora faz referência ao poema Nega Fulô, do escritor Jorge Lima, que reproduz os estereótipos da mulher negra no imaginário brasileiro, que surge no período colonial e segue informando como as negras são vistas na sociedade brasileira até os dias atuais.

Somos eternas Negras Fulô e vemos a ordem escravocrata ser reproduzida em cada comentário grosseiro e despeitado quanto às nossas belas passistas, quando ouvimos homens brancos encherem a boca para falar de seus casos amorosos com mulheres negras e suas infinitas habilidades sexuais, ao mesmo tempo que ostentam suas boas senhoras brancas ao lado (SANTOS, 2013).

Criado por Miguel Falabella, em 2014, a rede globo lançou a série televisiva “O sexo e as negas”, que reforçava mais uma vez a sexualidade da mulher negra. Para refutar a imagem da mulata lasciva, as Blogueiras Negras publicaram um editorial, em 10 de setembro de 2014, intitulado “Ah! Branco, dá um tempo! Carta aberta ao senhor Miguel Falabella”.

Repudiamos suas palavras porque fomos estupradas nas senzalas e continuamos a ser na dramaturgia feita por brancos sobre nós através de imagens estereotipadas em seriados, novelas e minisséries. Esse é um dos mecanismos que a aliança entre o racismo usa para se perpetuar:



hipersexualizando a mulher negra que se torna desprezível para outros papéis sociais (BLOGUEIRAS NEGRAS, 2014).

As autoras continuam o texto argumentando que, embora muitas mulheres negras ainda trabalhem como empregadas domésticas e cuidadoras, existem várias negras que atuam, como advogadas, bailarinas, médicas, jornalistas, entre outras. Porém raramente a mulher negra é retratada exercendo tais atividades na ficção brasileira. São poucas as obras de teledramaturgia escritas, dirigidas e protagonizadas por pessoas não-brancas.

Publicado em 29 de maio de 2013, o texto “Deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata!”, escrito por Charô Nunes, descreve cinco elogios racistas que reforçam os estereótipos da sexualização dos corpos das mulheres. Segundo a autora, os principais elogios racistas são: 1. “Você é uma morena muito bonita” 2. “Seu cabelo é muito bonito, posso pegar?” 3. “Você tem os traços delicados” 4. “Você tem a bunda linda” 5. “Você é uma mulata tipo exportação!”. Com 281 comentários, é o *post* com mais interação do BN em 2019. Alguns comentários são: “Uma que nunca esquecerei foi um rapaz que estudava comigo num determinado curso de inglês, certo dia veio até mim e disse que gostaria que eu fosse empregada doméstica da casa dele”; “Incrível esse texto traduz muito dos meus incômodos diários”; “nunca tinha pensando nesse ‘você é uma negra linda’ dessa forma. Eu, quando falava isso para a minha amiga, queria dizer como se uma das coisas mais lindas nela fosse o fato de ser negra”.

Portanto, notamos que as autoras recusam as imagens de controle da mulher negra como a “mulata” lasciva, elaboradoras durante o período colonial e que ainda são reproduzidas no imaginário coletivo e nas produções e no jornalismo da imprensa hegemônica, assim como o lugar fixo profissional da preta como empregada doméstica. E por fim, revelam o contexto histórico que fez com que mulheres negras tivessem, em sua maioria, que trabalhar com empregadas domésticas e diaristas, que nada tem a ver com a falta de capacidade intelectual, mas uma relação entre as três dimensões de opressões que atravessam a vida da mulher negra brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filósofa e feminista negra Sueli Carneiro mobiliza o conceito dispositivo de Michel Foucault para afirmar que existe um dispositivo de racialidade agindo na sociedade brasileira.



Entretanto, a autora concentra as atenções para o discurso, um dos elementos do dispositivo, pois o discurso relaciona-se com o conhecimento e o poder.

As mulheres negras têm se apropriado das TICs como tática e estratégia para a luta por emancipação, desenvolvendo canais nas mídias e weblogs. Para analisar a apropriação das tecnologias de informação e comunicação pelas mulheres negras, é importante examinar as relações sociais que tecem a informação. Por isso, investiga-se o blog “Blogueiras Negras”, um dispositivo infocomunicacional, criado em 2013, por uma coletividade baseada nas mídias sociais de mulheres negras feministas e blogueiras.

O BN disputa as narrativas com a imprensa hegemônica, as autoras utilizam a escrita como luta antirracista e como produção de conhecimento, a partir do pensamento feminista negro, uma teoria crítica das mulheres negras. Desse modo, notamos que as escritoras recusam as imagens de controle (estereótipos racistas e sexistas) criadas durante o período colonial e que continuam sendo reproduzidas pelas mídias hegemônicas e que estão interconectadas com as dimensões das opressões econômicas e políticas. Além disso, as mulheres negras utilizam a escrita e as TICs para se autodefinir, nomeando suas próprias experiências, dores, história, memória, imagens, entre outros.

Por fim, acreditamos que compreender os discursos e os saberes (estereotipados) forjados durante o período colonial e reproduzidos em diferentes períodos históricos sobre os grupos excluídos, como pessoas negras e indígenas, é um campo importante de pesquisa para a Ciência da Informação, a fim de refletir sobre a produção e a circulação de informação que legitimam as opressões econômicas e políticas de grupos excluídos. Estas reflexões tornam-se particularmente importantes num momento de “guerra cultural”, onde narrativas baseadas em falsas informações circulam pela internet e realimentam o racismo histórico do país.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é um dispositivo?** Chapecó: Argos, 2016.

ALMEIDA, M. A. A produção social do conhecimento e as lições de Bourdieu para a Ciência da Informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 220-224, 2017. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v8i2p220-224. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/138794>. Acesso em: 10 dez. 2017.

AMARAL, A. ;NATAL, G.; VIANA, L. **Revista Sessões do Imaginário - Cinema | Cibercultura | Tecnologias da Imagem**, Porto Alegre, v. 13, n. 20, p. 34-40, dez.2008.



- AMORIM, B. R. P. **Documentos Dialógicos, Territórios Dialéticos**: um estudo sobre murais e seu papel na guerrilha simbólico-material do movimento zapatista de libertação nacional. Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha. 2019. 303 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- BLOGUEIRAS NEGRAS. Ah! Branco, dá um tempo! Carta aberta ao senhor Miguel Falabella. *In*: **BLOGUEIRAS NEGRAS**. São Paulo, 10 set. 2014. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/ah-branco-da-um-tempo-carta-aberta-ao-senhor-miguel-falabella/>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- CARNEIRO, S. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CARNEIRO, S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Orientador: Roseli Fischmann. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019a.
- COLLINS, P. H. Epistemologia feminista negro. *In*: BERNARDINO-COSTA, J., TORRES-MADONADO, N.; GROSFOGUEL, R. (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019b. p. 139-170.
- COULDRY, N.; HEPP, A. **A construção mediada da realidade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2020.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: RIOS, F.; LIMA, M. (Org.). **Por um feminismo Afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020. p. 75-94.
- GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In*: RIOS, F.; LIMA, M. (Org.). **Por um feminismo Afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020. p. 127-150.
- HJARVARD, S. Mídiação: conceituando a mudança social e cultural. **MATRIZES**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 21-44, 2014. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v8i1p21-44. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82929>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- HJARVARD, S. **A mídiação da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.
- HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio, 2016.
- MARTELETO, R. Epistemologia social e cultura digital: reflexões em torno das formas de escritas na web. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 9–25, 2015. DOI: 10.19132/1808-5245213.9-25. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/58683>. Acesso em: 24 ago. 2022.



MARTELETO, R.; COUZINET, V. Mediações e dispositivos de informação e comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e empíricos a partir de olhares intercruzados. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2013. DOI: 10.3395/reciis.v7i2.450. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/450>. Acesso em: 24 ago. 2018.

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. Processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NUNES, C. Trabalho doméstico: ela é da família não é amor, é navalha na carne. *In*: **BLOGUEIRAS NEGRAS**. São Paulo, 18 dez. 2013. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/trabalho-domestico-ela-e-da-familia>. Acesso em: 10 jun. 2017.

NUNES, C. Deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata! *In*: **BLOGUEIRAS NEGRAS**. São Paulo, 10 set. 2014. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/trabalho-domestico-ela-e-da-familia>. Acesso em: 10 jun. 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (Org.). **Perspectivas latinoamericanas**. Clacso, Buenos Aires, 2005.

RAMOS, G. A PEC dos empregados domésticos e o processo secular da abolição da escravatura. *In*: **BLOGUEIRAS NEGRAS**. Salvador, 28 mar. 2013. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/a-pec-dos-empregados-domesticos-e-o-processo-secular-de-abolicao-da-escravatura/>. Acesso em: 30 mar. 2017.

RIBEIRO, D. Vênus de Hotentote em qualquer lugar: a erotização da mulher negra. *In*: **BLOGUEIRAS NEGRAS**. São Paulo, 23 dez. 2013. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/venus-hotentote-lugar-exotizacao-mulher-negra/>. Acesso em: 14 abr. 2017.

SANTOS, M. A. O Sagrado e o Profano: as mulatas e o racismo. *In*: **BLOGUEIRAS NEGRAS**. Campinas, 13 dez. 2013. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/sagrado-profano-mulatas-racismo/>. Acesso em: 14 abr. 2017.

SILVA, T. P. **Construções identitárias & TICs**: o caso do blog "Blogueiras Negras". Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Almeida. 2019. 193 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.27.2019.tde-27122019-170340. Acesso em: 2022-08-24.